

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

15411 - Resumo Expandido - Trabalho - 5ª Reunião Científica Regional da ANPEd Norte (2024)

ISSN: 2595-7945

GT25 – Educação e Povos Indígenas

JAMAXIM CULTURAL: A LITERATURA INDÍGENA EM SALA DE AULA

Felipe Souza da Silva - Universidade Federal do Pará (UFPA) - EDUCANORTE - PGEDA

Jeane Almeida da Silva - UFRR-PPGE - Universidade Federal de Roraima

JAMAXIM CULTURAL: LITERATURAS ENTRE OS DISCENTES MACUXI E WAI WAI

Felipe Souza da Silva (Doutrando PGEDA-UFRR)

Jeane Almeida da Silva (Pofª Ed. Básica)

Ananda Machado (PGEDA-UFRR)

RESUMO

Um jamaxim é lugar de carregar, símbolo de algumas culturas indígenas que ainda sabem fazer e o usam. Como a pesquisa estimula a leitura de obras de autoria indígena e a escrita de preferência nas línguas indígenas, seu nome simbolicamente leva a ideia de mergulho nas próprias narrativas ancestrais e contemporâneas. Uma pesquisadora Macuxi e um pesquisador Wai Wai compartilham suas experiências e analisam suas práticas, enfrentando a problemática da ausência desses livros e de local adequado para leitura nas escolas indígenas e consegue como resultado o aumento da autoestima e o interesse por ler e escrever sobre si.

Palavras chave: literatura indígena, educação escolar, Macuxi, Wai Wai

A pesquisa discute o que é literatura indígena? Qual é a importância da leitura, da compreensão, da leitura crítica na educação? Reflete sobre a problemática que durante muito tempo a fala/escrita indígena fora feita pela mão não indígena. E atualmente a escrita de autoria indígena é um fenômeno editorial no Brasil, como atestam Carvalho (2022); Cagneti & Pauli (2015). O Projeto Jamaxim Cultural, iniciou no ano de 2020, quando foi ofertado um curso de extensão pelo Núcleo de Ensino à Distância (NEad) da Universidade Federal de Roraima sobre a literatura indígena **intitulado Literaturas indígenas: oralidades, línguas e escrita**. Na ocasião foram apresentados várias obras de autoria indígena, além de diálogos com escritores indígenas, como Graça Graúna, Daniel Munduruku e Eliane Potiguara. Uma proposta sugerida foi a criação de um acervo com alguns livros de escritores indígenas que seriam distribuídos nas escolas indígenas do Estado de Roraima. Dessa forma nasceu o projeto **Jamaxim Cultural** que tem como objetivo levar obras de escritores indígenas para as escolas indígenas de Roraima. A ideia era que os professores indígenas participantes do curso pudessem receber um pequeno acervo - com pelo menos 10 livros - que pudessem ser trabalhados na escola. Professores de língua materna indígena, de língua portuguesa ou das séries iniciais do Ensino Fundamental I poderiam desenvolver atividades de forma mais flexíveis. No início das ações do Projeto **Jamaxim Cultural**, com discentes Macuxi, ainda vivíamos sob a pandemia. Mas com o retorno às aulas presenciais na escola apresentamos o projeto as turmas do 9º ano do ensino fundamental II, foram duas turmas com um total de 39 alunos da Escola Estadual Indígena Índio Marajó, localizada na Comunidade Indígena Guariba, região da Raposa, Terra Indígena Raposa Serra do Sol, município de Normandia/RR. Foi conversado com as duas turmas sobre suas experiências com as narrativas indígenas, se sabiam de alguma história, contos ou mesmo se sabiam das histórias

dos encantados (Encantados é a forma de chamar pessoas falecidas que tomaram outra forma, ou ainda pessoas que desapareceram na mata ou rio, dizem que foram morar em outro lugar não visível), kanaimé (Kanaimé ou rabudo é uma pessoa que ficou tão mal ao ponto de matar outro parente por meio de magia, dizem que o canaimé/rabudo pode se transformar em outros animais como porco do mato, morcego, tamanduá entre outros), entre outros. No primeiro momento eles ficaram calados, tímidos ou mesmo com vergonha para contar tais histórias, mas à medida que foram distribuídos alguns livros e falando a respeito de algumas histórias, os alunos foram se soltando e começaram a compartilhar as histórias que já tinham ouvido de seus familiares. Alguns sugeriram até pequenas correções ou apresentavam uma outra versão para determinadas narrativas. Uma forma para incentivar os alunos a escreverem suas próprias impressões a respeito das obras lidas foi a utilização de um caderno para a literatura indígena. Além de ser de suma importância selecionar as obras que serão trabalhadas em sala de aula, conhecer as etnias dos escritores, local de nascimento, ter em mente uma breve biografia para poder fazer uma apresentação dos autores aos alunos. A partir da apresentação do projeto foi produzido um *banner* de forma artesanal para identificar nosso projeto nas aulas de língua portuguesa, nosso momento de compartilhar as experiências literárias vividas com os textos. Cada aluno recebeu um pequeno caderno que foi ornamentado por eles mesmo, cada aluno imprimia sua marca. Isso para tornar a experiência de leitura e escrita uma experiência afetiva. O caderno serve para colocar as observações que os alunos têm sobre a leitura que estão fazendo, outra utilização para o caderno é a escrita de seu próprio glossário para ampliarem seus vocabulários a partir dos textos lidos. Para poder guiá-los nas leituras algumas perguntas são necessárias de modo geral: qual o nome do autor(a); o nome da obra; o que trata o livro/ qual a história; faça um breve resumo; o que mais te chamou a atenção no texto? Se você fosse o autor(a) escreveria algo diferente? (justifique sua resposta). Nas aulas marcadas para discutir as obras lidas as carteiras eram dispostas em uma grande roda para ouvir o colega e o texto escolhido por ele. O livro mais disputado foi o cordel de Ivo Sólton Wapichana, *A Origem do Kanaimé*. A maioria dos alunos não fazia ideia de como ler um cordel. Foram passados alguns vídeos sobre a forma que o cordelista faz sua apresentação. O ritmo, as rimas, tudo era novidade para aqueles alunos que pouco tiveram contato com os professores do Ensino Fundamental e a leitura precisava ser mais trabalhada com eles. Outro motivo para a disputa do referido livro/cordel, foi a curiosidade sobre o kanaimé. Alguns dizem que o kanaimé surgiu entre os ingaricós, outros dizem que entre os patamonas e ainda que foram trazidos dos parentes do país vizinho, República Cooperativista da Guayana. Fato é que em certos períodos do ano as pessoas evitam andar sozinhas, principalmente a noite, com medo de ataques do kanaimé. Em média os alunos conseguiram ler de dois a três livros, alguns, claro, conseguiram ler um pouco mais, pois alguns textos são breves e de fácil leitura. É claro que a maioria escolheu os livros menos volumosos, isso reflete a dificuldade que muitos têm com a leitura. Utilizamos ainda o caderno para assinatura da turma no final do ano letivo, como forma de recordação, no final o caderno serviu não somente para as impressões dos alunos sobre as leituras, mas também oportunizou outros momentos de interações. **Meu lugar no mundo** – ao lerem as obras dos escritores indígenas, principalmente os escritores locais, muitos alunos reconheceram as narrativas contadas por seus parentes (Parente não se refere ao parente consanguíneo, mas também a outro indígena da mesma etnia). Foi muito proveitoso esse momento, pois eles puderam se reconhecer nas histórias e reconhecer a fala de seus parentes. Muitos acreditam que para escrever um livro era necessário sair da comunidade, até mesmo do estado de Roraima. A obra de um escritor(a) indígena encantou os alunos, pois, apesar de tudo, muitos ainda trazem o estigma de que o indígena não é bom com as “palavras”, não teria a formação necessária para se destacar, infelizmente muitos acreditam que para alcançar os lugares mais altos é preciso sair da comunidade. Lembro de uma aluna que me confidenciou que queria sair da comunidade, morar em outro lugar, sair do Brasil. Por quê? Perguntei-lhe, “sei lá” foi a resposta, mas percebi que a vontade de sair da comunidade não era simplesmente sair, havia a vontade de mudar de vida, não é como se ela não gostasse da comunidade ou de seus parentes, mas era a

angustiante preocupação de não repetir um ciclo comum a muitas mulheres, casar, ter filhos, viver do trabalho na roça, ela só não souber colocar em palavras essa vontade. Sempre comento que quem sabe ler, sabe se expressar. Outro livro muito comentado pelos alunos foi o do Daniel Munduruku. No início eles riram do sobrenome do escritor. Expliquei sobre a etnia a qual Daniel pertence, fiz uma comparação com as etnias locais e perguntei se eles gostariam que rissem da nossa etnia, a resposta, é claro, foi não. No livro **Meu vô Apolinário: um mergulho no rio da (minha) memória**, os alunos puderam perceber situações que vivenciaram em algum momento da suas vidas. Preconceitos arraigados na memória social, como o de o indígena ser preguiçoso, sujo e tantos outros. Até mesmo o falar errado, sem levar em consideração a variedade linguística da região, da etnia e localidade em que vivemos. A própria língua Makuxi possui suas variações entre as regiões do Estado de Roraima, o Makuxi das serras difere do Makuxi do lavrado. **Colhendo os frutos** - A experiência de leitura dos textos indígenas foi muito rica. Os alunos gostaram do gênero cordel, além dos poemas como os de Márcia Kambeba, Graça Graúna e Sony Ferseck. Neste ano perguntaram se teríamos novamente as leituras com o Jamaxim Cultural, vamos pensar, respondi. A leitura ajudou a elevar a auto-estima do aluno indígena, pois ele sabe que não precisa sair de sua comunidade para ter novos horizontes. Este foi a primeira experiência do Projeto Jamaxim Cultural. Com as turmas do 9º ano do ensino fundamental II foi a primeira experiência do Projeto Jamaxim Cultural. As obras também foram apresentadas em outras turmas. No ano de 2023 as turmas da 2ª série também puderam ler as obras de autores indígenas, porém a quantidade de alunos e o número de obras disponibilizadas foram insuficientes, a atividade proposta foi a produção de uma resenha crítica. No ano de 2024, outra turma do 9º ano também pode trabalhar algumas obras de escritores indígenas, agora sendo trabalhada nas aulas de arte. Na escola Wai Wai da comunidade Jatapuzinho, o trabalho aconteceu com a tradução de poesias da Eliane Potiguara, de Márcia Kambeba, com a reescrita do livro Semente da Vida de Kamuu Dan, porque para entender o português é preciso ir e voltar, dialogando na língua Wai Wai. Sobretudo os livros de autores indígenas que fazem referência à vida na beira dos rios e igarapés interessam aos Wai Wai. E alguns deles começaram a escrever suas histórias, primeiro na língua Wai Wai e depois em português. Eles tiveram também bastante interesse pelo cordel, mas essa linguagem, na continuidade das ações de extensão e pesquisa, poderá ser mais trabalhada. Como resultado temos um maior interesse pela leitura e uma relação mais significativa com a escrita, uma vez que durante muito tempo, os Makuxi e Wai Wai receberam a leitura e a escrita no formato catequese pelos missionários que traduziram a bíblia. Isso foi tão forte que encontramos pessoa que aprenderam apenas a ler e não perceberam a função da escrita uma vez que o objetivo era apenas passar as mensagens religiosas. A autoria em línguas indígenas é um desafio porque as editoras ainda seguem investindo no que atinge a um público maior, mas esperamos conseguir ter cada vez mais livros nas línguas para incrementar o ensino de língua e literatura nas escolas indígenas.